

JORGE
SILVA MELO

O Navio
dos Negros

TEATRO



Título original: *O navio dos negros*
© Jorge Silva Melo e Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 2001

Concepção gráfica de João Botelho

ISBN: 972-795-032-9

Jorge Silva Melo

O navio dos negros

sobre motivos de Herman Melville
(Benito Cereno)

Cotovia

Elenco da Estreia
de
O NAVIO DOS NEGROS
sobre motivos de Herman Melville (Benito Cereno)
de Jorge Silva Melo
no dia 29 de Junho de 2000
no Grande Auditório da Culturgest

encenação: Jorge Silva Melo

cenografia e figurinos: Rita Lopes Alves, Ana Paula Rocha, Isabel Nogueira, com a colaboração de José Manuel Reis

luz: Pedro Domingos

assistência de encenação: Isabel Muñoz Cardoso, Gracinda Nave, Rui Guilherme Lopes

interpretação: Ivo Canelas, Paulo Claro, Miguel Borges, João Meireles, Américo Silva, António Simão, Pedro Carraca, Rui Guilherme Lopes, Gustavo Sumpta, Daniel Martinho/Dom Petro Dikota, Cláudio da Silva, Nelson Cabral, João Saboga, Sérgio Gomes, Hugo Samora, Tiago Barbosa, Vítor Correia

produção: Manuel João Aguas

fotografias: Jorge Gonçalves

1

LEITOR

No ano de 1799,
o capitão Amasa Delano
de Duxbury, Massachusetts,
capitão de um navio equipado para a caça da foca,
ancorou
no porto de Santa Maria,
uma ilha,
uma ilha deserta
no extremo sul da longa costa do Chile.

UM MARINHEIRO AINDA ADORMECIDO

Era para se abastecer de água.

LEITOR

No segundo dia,
mal o sol se levantava,
e ele ainda repousava,
veio o imediato chamá-lo,
dizer-lhe

IMEDIATO

Um veleiro estrangeiro entra na baía.

UM OUTRO MARINHEIRO

Não eram frequentes os navios
neste fim do mundo
onde não chegaram as leis.

LEITOR

O capitão Amasa Delano
levantou-se, vestiu-se e subiu ao convés.

DELANO

Tudo tão calmo
silencioso
cinzento.
O mar
parece congelado
e as águas dir-se-iam chumbo derretido
em molde de fundidor.

O céu é um manto
cinzento.

Bandos cinzentos de pássaros,
cinzentos rolos de nuvens,
as aves afloram as águas
num voo caprichoso e baixo,
andorinhas que rasam a planície
antes da tempestade.

Sombras presentes anunciam outras sombras futuras
e mais densas.

UM OUTRO MARINHEIRO AINDA

Não arvorava bandeira
o veleiro estrangeiro.

LEITOR

Neste mar onde não chegaram leis
e com as histórias que ainda se contam
sobre estes mares,
isto podia meter medo.
Mas o navio
navegava demasiado perto de terra,
a proa quase tocava num recife submerso.

UM MARINHEIRO

O navio navega perto de terra.

LEITOR

O navio

navegava demasiado perto de terra.

O MESMO MARINHEIRO

A proa quase toca num recife.

LEITOR

O navio

navegava demasiado perto de terra.

A proa quase tocava num recife submerso.

UM MARINHEIRO

Não arvorava bandeira o veleiro estrangeiro.

LEITOR

Era um estranho

nestas paragens.

O MESMO MARINHEIRO

Navegava demasiado perto de terra.

LEITOR

Um estranho

nesta ilha deserta da costa sul do Chile.

AMASA DELANO

Vapores envolviam a embarcação.

Jorrava a luz longínqua do lampião matinal da cabina,

que parecia o próprio sol

em meia-lua

ao fundo do horizonte.

O sol parecia entrar no porto,

sol velado

pelas nuvens cinzentas, baixas e rasteiras.

UM JOVEM MARINHEIRO AMERICANO

Não se percebia se o navio

era para entrar no porto.
O vento soprava mais ligeiro e caprichoso,
Aumentava assim a indecisão
aparente dos movimentos do navio.
O capitão Delano mandou arriar a baleeira,
pegou em vários cestos com peixe e partiu.
Mas o vento mudou
e impeliu o navio para longe do recife,
dissipando os vapores que o envolviam.
Na crista da plúmbea vaga
com os pedaços de bruma que o envolviam
o navio dir-se-ia um branco mosteiro caiado após a
tempestade
sobre qualquer sombria escarpa.
Seria um carregamento de monges:
na distância brumosa,
capuzes negros olhavam em fila por cima da amu-
rada
e através das vigias abertas,
outras silhuetas sombrias e movediças,
frades negros,
pareciam percorrer os claustros.
Era um navio mercante espanhol de primeira classe,
dos que transportam mercadorias preciosas
e, especialmente, escravos negros.
Um grande navio
desses onde se transportavam os tesouros de Aca-
pulco,
fragatas da frota do rei de Espanha,
perdidos palácios italianos sobre os mares
que ainda guardavam,
ainda,

as marcas de antigos esplendores.
Os mastros, o cordame e uma grande parte dos pa-
veses,
de há muito desabituaados do raspador, do alcatrão
e da escova,
estavam imundos.
A quilha fora construída, o cavername ajustado
e tudo fora depois atirado para o Vale dos Esquele-
tos Secos de Ezequiel.
Não se via canhão algum.
Os cestos das gáveas eram grandes,
três gaiolas em ruínas.
Num dos cestos
via-se um estranho pássaro
com ar sonâmbulo e letárgico
daqueles que, no mar, se apanham à mão.
O castelo da proa,
estragado e carcomido,
lembrava uma antiga torre
abandonada à ruína do tempo.
À popa havia duas galerias, cobertas de espuma
seca e endurecida;
estas galerias partiam da cabina de ataque,
agora abandonada,
e as aberturas estavam calafetadas
apesar do bom tempo;
estes balcões faziam pensar
no Canal Grande de Veneza.
Mas o principal vestígio da grandeza passada
residia no amplo oval da peça da popa
em forma de escudo
com as armas de Castela e de Leão,